

5 Evangelismo Relacional Métodos impessoais

*Tudo faço por causa do evangelho,
com o fim de me tornar cooperador com ele*
1 Coríntios 9.23

Compreender que a natureza da igreja é missional nos traz uma importante questão: como compartilhar o Evangelho com as pessoas a nossa volta? Antes de buscar uma resposta bíblica e direta, vamos analisar algumas das soluções modernas.

Os métodos modernos

No século XIX, *Dwight Moody* (1837-1899), evangelista urbano, desenvolveu métodos e práticas de evangelismo que viriam a influenciar toda uma geração posterior: tratava-se das campanhas ou cruzadas evangelísticas. Consistia em um culto especial (com um pregador especial) realizado na igreja ou em um lugar neutro. O problema é que nestas oportunidades a “mensagem do Evangelho” era exposta em um conteúdo bem simples, não teológico e excessivamente emocional, com ênfase no apelo (Gl. 1.6-9). Esse modelo foi utilizado por Billy Graham e muitos outros.

Esta ideia está sedimentada na mente de muitos crentes que escolhem a dita *melhor oportunidade possível* para convidar um descrente: um pregador que fale muito bem ou um evento no qual igreja vai parecer mais interessante. Resumindo, existem muitos modelos evangelísticos nos quais a pessoa que é alvo do evangelismo é atraída para a igreja.

Outros modelos já possuem uma lógica invertida. Ao invés de atrair o descrente para a igreja, o evangelista caminha em direção ao perdido. Abordagem de porta em porta, distribuição de folhetos, abordagem de pessoas em lugares públicos ou grandes eventos, pregação ao ar livre e pregação pessoal a desconhecidos são algumas formas de apresentar o Evangelho.

A partir desta aproximação, com a atenção do ouvinte, há diversas formas de apresentar a mensagem do Evangelho e suas doutrinas essenciais (*criação, queda, plano da salvação, sacrifício vicário, arrependimento e fé*). A

ilustração do abismo entre Deus e o homem superado pela cruz e as 4 Leis Espirituais são formas eficientes de comunicar as Boas Novas (At. 2; 7; 2Tm. 4.2; Rm.10.17).

O missionário *Leslie Newbigin* (1908-1998) categorizou estes métodos como *atracionais* (igrejas atraindo descrentes) e *missionais* (igrejas capacitando membros a ir até descrentes).

O erro ao se limitar a estes métodos

O ponto comum a estes métodos é que na maioria das vezes o descrente ouvirá do Evangelho através de um completo estranho. Alguém com o qual provavelmente não se sentirá à vontade para abrir suas questões mais íntimas e importantes, suas dúvidas, sua objeção à fé cristã ou ainda seus pecados.

Hybels e *Mittelberg* afirmam que métodos impessoais se tornam cada vez menos efetivos, por ser crescente a resistência em se discutir questões de fé com quem não se tem um relacionamento próximo. “*Gravítamos de maneira natural ao redor de pessoas que já conhecemos e em quem confiamos. Amigos ouvem amigos. Amigos confiam nos amigos e permitem que eles os influenciem*” (Pv. 27.9).

Creemos que Deus pode usar um folheto, um pregador em uma praça ou uma Bíblia para trazer um pecador a fé em Cristo. Mas é nossa responsabilidade nos empenhar em obedecer ao Ide com excelência. O fato de cremos na soberania de Deus no processo do evangelismo não diminui nossa responsabilidade de encontrar a melhor forma de apresentar o Evangelho (1Co. 9.19-23).

Desafio

1. Você se identifica ou costuma utilizar algum dos métodos citados?
2. Já esperou o “culto perfeito” para convidar?
3. Existe um roteiro em sua mente para apresentar o Evangelho? •